



TRABALHOS MANUAIS DE UMA NORMALISTA: memórias e arquivo pessoal de Neuza Bertoni Pinto

MANUAL WORK OF A NORMALISTA: memories and personal archives of Neuza Bertoni Pinto

Alexsandra Camara¹

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5573-0850>

Bárbara Winiarski Diesel Novaes²

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7763-7777>

Danilene Gullich Donin Berticelli³

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3051-4750>

RESUMO

O texto faz uso de relato oral e de arquivos pessoais para discutir elementos do fazer da professora Neuza Bertoni Pinto, enquanto normalista na década de 1950. O objetivo foi analisar e interpretar aspectos das aulas de Trabalhos Manuais realizadas durante o Curso Normal. São utilizados fundamentos teórico-metodológicos integrantes de estudos sobre o saber profissional do professor e de referências vindas da História Oral. A pesquisa possibilitou o registro de memórias e de relatos de experiências que se constituem como fonte histórica na Educação Matemática e o desenvolvimento de uma narrativa histórica sobre aulas de Trabalhos Manuais, durante a formação de futuras professoras primárias.

Palavras-chave: História da educação matemática. Trabalhos Manuais. Arquivos pessoais. Neuza Bertoni Pinto.

ABSTRACT

The text makes use of oral reports and personal files to discuss elements of what Professor Neuza Bertoni Pinto did as a normal teacher in the 1950s. The objective was to analyse and interpret aspects of the classes on Manual Work held during the Normal Course. Theoric-methodological foundations that are part of studies on the teacher's professional knowledge and references from Oral History are used. The research made it possible to record memories and reports of experiences that constitute a historical source in Mathematics Education and the development of a historical narrative about classes in the subject of Manual Work during the training of future primary teachers.

Keywords: History of mathematics education. Manual works. Personal Archives. Neuza Bertoni Pinto.

¹Doutora em Educação pela Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Docente da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranaguá, Paraná, Brasil. E-mail: alexsandracamara1108@gmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Toledo (UTFPR), Toledo, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7763-7777>. E-mail: barbaradiesel@gmail.com

³Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente do Programa de pós-graduação em Educação em Ciências, Educação Matemática e Tecnologias Educativas da Universidade Federal do Paraná – setor Palotina, Palotina, Paraná, Brasil. E-mail: danilene@ufpr.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo considera as discussões realizadas por Certeau (2011) quando diz que a história deve ser encarada como uma operação que se refere à combinação de um lugar social, às determinadas práticas ou procedimentos técnicos e, por fim, à escrita, elementos que permitem ao autor dar contornos às leis que organizam a produção do texto. Dessa forma, a operação historiográfica é formada por ações que se iniciam com a escolha de determinadas fontes para, a partir delas, elaborar uma narrativa.

Esta operação historiográfica faz parte de um projeto desenvolvido por integrantes do Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática - Paraná (GHEMAT-PR) que iniciaram uma série de entrevistas com a Profa. Neuza Bertoni Pinto⁴. O projeto denominado “Falas da Profa. Neuza”, tem como objetivo conhecer mais sobre a trajetória profissional da educadora.

O uso de fontes produzidas a partir da oralidade leva à História Oral (HO), sendo pensada como parte da operação historiográfica. A HO vem sendo cada vez mais frequente nas pesquisas em Educação Matemática, juntando pesquisadores de vários grupos e regiões em torno dessa perspectiva teórico-metodológica. Os pesquisadores se utilizam das metodologias de abordagem qualitativa para compor a sua investigação e muitas delas têm a oralidade como suporte e, por meio de entrevistas, a oralidade produz narrativas que possibilitam a elaboração de compreensões e atribuição de significados do objeto que se analisa (Garnica, 2010).

Pode-se definir HO como uma metodologia de pesquisa com características específicas e que para Alberti (2013):

A História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (Alberti, 2013, p. 24).

Assim, tendo por base os estudos de Alberti (2013), define-se o andamento da pesquisa, como: a escolha da entrevistada, o tipo, o roteiro e a realização da entrevista, e, depois, sua transcrição, obtendo-se um conjunto de relatos que constituem o objeto de análise. Além disso, preocupou-se com o cuidado de que houvesse sensibilidade ao adentrar na vida de pessoas que relatam suas experiências e, ao mesmo tempo, a necessidade do rigor de pesquisa foi uma busca

⁴ Agradecimentos sinceros à Profa. Dra. Neuza Bertoni Pinto, pelas entrevistas concedidas ao grupo de pesquisa.

constante, visto ser um dos propósitos deste trabalho, o de que esta narrativa se torne um objeto de estudo histórico.

O contexto desta análise se apresenta no ano de 1954, na Escola Normal Aurélio Arrobas Martins, situada no município de Jaboticabal, no estado de São Paulo, (em que)na qual a professora Neuza Bertoni era aluna do Curso Normal.

Na década de 1950, o Regimento Interno das Escolas Normais Oficiais do Estado de São Paulo indica que a finalidade destas escolas era formar professores do ensino primário e concorrer para o desenvolvimento cultural da comunidade. Estas escolas compreenderiam três cursos: um curso de formação profissional do professor (de dois anos), um curso pré-normal (de um ano) e um curso primário (de quatro anos) (São Paulo, 1950).

O curso de formação profissional era distribuído em quatro secções: 1.^a secção - Educação; 2.^a secção - Biologia; 3.^a secção - Sociologia e 4.^a secção - Artes. A 1.^a secção compreendia Psicologia, Pedagogia, História da Educação e Prática do Ensino. A 2.^a abrangia Biologia Educacional e Crescimento da Criança e Higiene e Educação Sanitária. A 3.^a tratava de Fundamentos da Sociologia, Sociologia Educacional e Investigações Sociais na comunidade envolvida. E finalmente, a 4.^a secção envolvia Música, Desenho Pedagógico e Artes Industriais e Domésticas (São Paulo, 1950). Em 1951⁵ ocorre a mudança na denominação da disciplina “Artes Industriais e Domésticas” das escolas normais para “Trabalhos Manuais” (São Paulo, 1951).

Segundo Pinto (2022), a escola seguia uma legislação bem definida e o corpo docente era concursado. As aulas eram desenvolvidas com uma participação ativa dos alunos normalistas e havia uma escola primária anexa à Escola Normal. Para a Profa. Neuza,

[...] dentre as atividades de um ensino ativo, destacava-se a variedade de trabalhos manuais e dos desenhos pedagógicos que eram praticados nas respectivas disciplinas que eram ofertadas no curso (Pinto, 2022, p. 288).

Pesquisas realizadas por Frizzarini (2018) e Camara (2019), sobre o desenvolvimento da matéria de Trabalhos Manuais em escolas primárias no Brasil, mais especificamente, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, indicam que, entre 1890 e 1950, período de escolarização da matéria Trabalhos Manuais, os saberes matemáticos se articulam aos Trabalhos Manuais segundo movimentos amparados pelas Pedagogias Moderna e Científica. Já quanto às finalidades de ensino dos Trabalhos Manuais, quatro se sobressaíram: adestrar os

⁵ A Lei número 1435, de 24 de dezembro de 1951, que dispõe a tal mudança (São Paulo, 1951).

olhos e as mãos; desenvolver o gosto e amor pelo trabalho; aprimorar o senso estético e artístico infantil; e, auxiliar no ensino de outras matérias do curso primário.

A importância da matéria de Trabalhos Manuais na formação docente é evidenciada quando, na XIII Conferência Internacional de Instrução Pública (CIIP), convocada pela *Organisation des Nations Unies pour L'Éducation la Science et la Culture* (Unesco) e pelo *Bureau International D'Éducation* (BIE), ocorrida em Genebra em 1950, a temática foi o ensino de Trabalhos Manuais nas Escolas Secundárias⁶. O BIE procurou apurar qual a importância atribuída a esta matéria nos programas deste nível de ensino⁷. Esperava-se que o Ensino Secundário pudesse preservá-la cada vez mais, não só para um melhor equilíbrio entre o trabalho da mente e o das mãos, mas também como fonte inesgotável de interesse que beneficiaria outros ensinos. A atividade manual era considerada como ramo independente e que prosseguia os seus próprios propósitos, educacionais ou práticos e, por outro lado, era vista como auxiliar de outras disciplinas, alinhando-se com o ensino geral.

Assim, procura-se analisar e interpretar aspectos das aulas de Trabalhos Manuais realizadas durante o Curso Normal, ao ouvir relato de experiências da ex-aluna Neuza Bertoni Pinto, normalista na década de 1950, que doou ao Centro de Documentação Histórica do Ghemat Brasil boa parte de seus arquivos pessoais, os quais têm possibilitado desenvolver pesquisas sobre os saberes profissionais dos professores que ensinam matemática.

Captar, a partir dessa documentação, a “matemática a ensinar”, a “matemática para ensinar” e perceber como se articulam objeto e ferramenta da docência em matemática, na elaboração de uma “matemática do ensino”, é desafio posto aos pesquisadores de história da educação matemática. Preservar e guardar a documentação de antigos professores são desafios de toda uma sociedade (Valente, 2022, p. 68-69).

Parte deste importante acervo se encontra digitalizado e disponível no Repositório de Conteúdo Digital (RCD) do Ghemat Brasil, entre eles, cadernos de quando a professora era normalista. É importante frisar que ao trabalhar com fontes orais na HO não se está abrindo mão do uso de outros documentos como, por exemplo, os escritos. A pesquisa assumida nesta metodologia considera o diálogo necessário com outras fontes, além das orais.

Não se trata de recorrer à oralidade apenas quando as fontes escritas são insuficientes, nem de teimar em restringir-se apenas às fontes orais quando há disponíveis inúmeras fontes de outra natureza (escritas, pictóricas, arquiteturas etc.). Trata-se de iniciar um processo a partir de uma perspectiva singular, a da narrativa de um sujeito situado, e ir aos poucos abrindo esse diálogo, incorporando escritos e informações outras, ampliando essa perspectiva não para checar a (ou

⁶ Agradecimentos à Profa. Rita Hofstetter por ter dado acesso ao documento “ XIII CIIP. L'enseignement des travaux manuels dans les écoles secondaires. Genève, Paris : BIE, UNESCO, 1950”.

⁷ Responderam um inquérito 47 países, entre eles Argentina, Uruguai, Chile, Equador, Peru, da América do Sul e França e Suíça, da Europa. O Brasil fará parte da Unesco somente em 1960, mas os resultados do relatório dão uma boa ideia sobre o ideário do ensino dos trabalhos manuais na década de 1940 e 1950.

chegar à) verdade do sujeito, mas para criar um enredo plausível no qual narrador e ouvinte se reconheçam (Garnica, 2016, p.42).

Considerando os princípios de trabalho da HO que incluem um cotejo dos depoimentos com outros documentos que se mostram pertinentes, tendo em vista o recorte da investigação, também utilizaram-se como fontes de pesquisa cadernos elaborados pela então estudante, Neuza Bertoni, e manuais de ensino utilizados por ela no Curso Normal.

1. MANUAL “METODOLOGIA DO ENSINO PRIMÁRIO” DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS E “PRÁTICAS ESCOLARES” DE ANTÔNIO D’ÁVILA

Os manuais pedagógicos foram considerados por muito tempo o principal meio de difusão de saberes e finalidades pedagógicas, políticas, econômicas, sociais, entre outros (Choppin, 2004) e são referências tidas como importantes de serem transmitidas num dado período histórico (Chartier, 1990).

De acordo com Silva (2005), os manuais pedagógicos proporcionavam apoio fundamental no ofício de ensinar e eram como instâncias de produção e circulação dos saberes que fundamentavam um modelo de ensino. Destaca-se que “[...] a história dos manuais articulou-se à difusão mundial da escola e dos conhecimentos pedagógicos” (Silva, 2007, p. 268).

Os manuais pedagógicos representam campo propício para análise dos saberes para ensinar. [...] os saberes para ensinar, referem-se ao objeto do trabalho de ensino e de formação, ferramentas do trabalho do professor. Assim, faz-se necessário conhecer estratégias para o ensino de determinado conteúdo, àquele nível de ensino, quais os recursos didáticos a utilizar, quais as formas de aprender dos alunos e como organizar a sala e a aula, estratégias e processos de ensino, elementos constituintes do ofício de ensinar (Maciel, 2016, p. 7).

Durante entrevista fornecida pela professora Neuza, ela relata o uso do manual “Metodologia do Ensino Primário”, de Theobaldo Miranda Santos (1952), como uma das referências utilizadas durante a Escola Normal. Giusti e Valente (2020) afirmam que a presença deste autor pode ser percebida na formação de professores a partir dos diversos títulos publicados, dirigidos à Escola Normal, tornando-se um autor influente, com obras mencionadas em alguns manuais brasileiros.

Sobre o manual de Santos (1952), Pinto conta que,

[...] a gente tinha que consultar lá na biblioteca, aquela referência que o professor indicava porque eu fazia anotação de acordo com as falas das aulas expositivas, e aí o professor sempre colocava

uma referência para a gente poder procurar na biblioteca e o Theobaldo Miranda Santos era tipo uma estrela na época, ele escreveu muita coisa [...] (Pinto, 2023).

O manual é dividido em duas partes: Metodologia Geral e Metodologia Especial. Na Metodologia Geral são apresentados os seguintes temas: método; métodos pedagógicos; evolução dos métodos pedagógicos; classificação dos métodos pedagógicos; processos didáticos; formas didáticas; modos didáticos; material didático; a lição; métodos ativos e escolas novas. Enquanto na parte destinada à Metodologia Especial são indicadas variadas metodologias (da leitura, da escrita, da linguagem oral, da aritmética, da geometria, da geografia, da história, das ciências naturais, dos trabalhos manuais e do desenho).

O capítulo intitulado “Metodologia dos Trabalhos Manuais”, assunto abordado entre as páginas 223 e 238, está dividido em duas partes: I - Características Gerais (A história do ensino dos trabalhos Manuais, Teorias sobre o ensino dos Trabalhos Manuais, Objetivos do ensino dos Trabalhos Manuais e Valor do ensino dos Trabalhos Manuais) e II – Técnicas de Ensino (Processos do ensino dos Trabalhos Manuais, Motivação do ensino dos Trabalhos Manuais e Material de ensino dos Trabalhos Manuais).

Desenvolver na criança a habilidade técnica nos vários meios de expressão concreta do pensamento; criar o hábito de utilizar tais meios como fontes de prazer e instrumento de utilidade prática; cultivar o espírito construtivo e a capacidade criadora; fornecer conhecimentos e técnicas sobre o emprego das principais ferramentas e instrumentos de medida; despertar hábitos e atitudes disciplinadas e o trabalho em cooperação; estes são alguns objetivos do ensino dos trabalhos manuais elencados por Santos (1952).

O trabalho manual e o trabalho intelectual ou do pensamento, considerados, pelo autor, como formas fundamentais de atividade do homem, são igualmente importantes para que ocorra o desenvolvimento das crianças. Não há distinção rigorosa entre tais formas, pois o trabalho manual implica a intervenção da inteligência e o trabalho do pensamento tem a necessidade de se manifestar pela atividade manual e de se objetivar por meios de expressão concreta.

Na educação pelo trabalho não deve existir manualismo ou intelectualismo exclusivo, pois de nada vale educar a mão, sem educar, ao mesmo tempo, a inteligência. A formação harmoniosa da personalidade somente se realiza em sua plenitude, quando, como dizia Pestalozzi, entram em jogo a mão, o cérebro e o coração (Santos, 1952, p. 228).

Santos (1952) explica que o ensino de Trabalhos Manuais na escola primária deve compreender dois períodos: um geral ou preparatório e que abrange as três primeiras séries e outro, pré-vocacional, que se desenvolve nas últimas séries. O primeiro período compreende trabalhos de recorte, dobradura, modelagem, cartonagem e o início de cestaria, possuindo um

caráter mais educativo do que técnico, e auxilia na aprendizagem das demais matérias. O segundo período abrange trabalhos de madeira, metal, fio e folha, possuindo um caráter mais técnico e é quando todas as matérias devem servir aos trabalhos manuais. Neste período, os trabalhos têm um aspecto predominantemente prático e utilitário, cuja função não é somente servir de instrumento das demais disciplinas. O objetivo é iniciar a criança nos processos fundamentais do trabalho, porém não se trata de prepará-la para um ofício determinado, pois,

A especialização técnica seria incompatível com as finalidades pedagógicas e sociais da escola primária, que é antes de tudo, uma agência de educação geral e comum (Santos, 1952, p. 231).

Quanto ao material de ensino de Trabalhos Manuais, o autor descreve que uma das grandes dificuldades era a de se obter dos alunos o material necessário. Para auxiliar com essa dificuldade, a sugestão era o uso de matéria-prima sem custo ou de baixo custo como papéis de cores, serpentinas, caixas velhas de papelão, caixinhas de madeira, lata, palhas de fibras diversas, folhas, sementes, penas, casca de ovo, conchas, barbante, fios, couro, arame, argila, cera e massas plásticas diversas, entre outros produtos. Além disso, a sugestão é de que as atividades fossem realizadas em sala específica, pois se realizadas em sala de aula trariam desordem à classe, tumultuariam o ensino das outras matérias e não haveria lugar para a guarda e conservação de materiais e trabalhos. As escolas deveriam possuir, se possível, uma sala ladrilhada, com pia e água, armários ou prateleiras, ferramentas e instrumentos para os trabalhos a serem realizados.

Professora Neuza, em entrevista relata algumas situações que ocorriam nas aulas de trabalhos manuais da Escola Normal.

Nessas aulas não se costurava nada a máquina, tudo era feito à mão. Primeiro, a professora dava um pouco de explicação se tinha que desenhar, ela fazia o esquema na lousa, e nós copiávamos no caderno. Tinha coisas que requeria que fazer maquete sabe, com massinha assim, a gente tinha uma relação com grande variedade de material, mas era uma carrada de material que a gente gastava nessa disciplina. Aí começava a fazer, então vamos supor o crochê que foi o ponto sorteado no exame e tínhamos que fazer uma sacolinha de crochê. Aí, eu me danei toda, aí tinha vontade de chorar porque eu nunca gostei fazer crochê, de tanto que eu via minha mãe e minhas irmãs, todo dia fazerem crochê, fiquei longe disso e quando tive que fazer rapidamente, acabei furando o dedo, mas fiz a sacolinha de crochê tinha que fazer em tantos minutos aí depois de você pegava aquele produto e colava na folha da prova. As outras coisas faziam com muito gosto, dobraduras, cartonagem, tinha um trançamento lá de barbante, tinha vagonite sabe, com isso aprendi fazer até cinto, com linha macramê, aprendi muito fazer essa técnica e produzir cinto, sandalhinhas de macramê, depois levava no sapateiro para colocar fivelas, solas. Então, eu aprendi muita coisa naquele ritual, nas aulas de Trabalhos Manuais... Os meninos, colegas de sala, eles iam para outra sala naquele dia, não eram muitos, devia ter no máximo 10 alunos ali, que na verdade nenhum deles foi ser professor de criança (Pinto, 2023).

Pinto (2018) conta que dentre os manuais utilizados no início de sua prática docente se destaca "Práticas Escolares", de Antônio D'Ávila (1965), apoio herdado das aulas de Práticas

de Ensino do Curso Normal. Mendes e Valente (2017) ilustram que este manual de D'Ávila se trata de uma obra direcionada para a formação de normalistas que trazia recursos didáticos próprios da Escola Nova.

Segundo Pinto (2023), o manual de D'Ávila (1965) era como uma "bíblia" para os futuros professores, conforme diz em seu relato:

[...] agora existia um livro que era a bíblia, que era aquele do Antônio d'Ávila. Aquele livro era grosso, lá tinha tudo e mais um pouco, para uma professora ter conhecimentos para poder depois entrar numa sala de aula e dar conta. Lá dentro tem metodologia separada, a de matemática, tem de língua portuguesa de geografia, da história, como se ensinava cada uma dessas matérias, então a gente trazia um pouco aquela metodologia dos professores [...] (Pinto, 2023).

No prefácio do manual, o autor afirma que a obra compreende o essencial do assunto que normalistas e professores primários devem conhecer. Aborda temas diversos relacionados ao ambiente escolar, como por exemplo: (I) a escola: o mobiliário, o material, ornamentação escolar; (II) dos alunos: seleção, exames, ficha escolar, retardados, repetentes⁸; (III) organização das classes, frequência, disciplina, trabalho do aluno; (IV) programas e horários e diversos outros temas relacionados ao bom desenvolvimento da organização escolar. A obra de D'Ávila (1965) apresenta um programa mínimo a ser seguido no curso primário, que propõe o desenvolvimento de um plano de estudos globalizado, relacionando as diferentes matérias entre si.

Para a matéria de Trabalhos Manuais, no primeiro ano, eram recomendadas atividades com recorte, colagem, exercícios fáceis de tecelagem, modelagem em barro ou plastilina de frutas, flores, folhas, sólidos geométricos etc. e dobradura e execução em papel-cartão de brinquedos, objetos comuns e motivos diversos, relacionados com as aulas das demais disciplinas. Para as meninas havia o acréscimo do estudo dos pontos mais simples de crochê com agulha de osso e com fios grossos, como barbante, lã etc., para a execução de objetos úteis, como golas, cintos etc. (D'Ávila, 1965, p. 73).

No segundo ano, o conteúdo de Trabalhos Manuais era o alinhavo, trabalhos de contas, nós, tranças, tecelagem, recorte em papel cartonagem, modelagem de formas geométricas e de objetos usuais, o cultivo de plantas em vaso ou de um canteiro no pátio escolar, remendos e o pregar botões. Para as meninas, havia o acréscimo de crochê. (D'Ávila, 1965, p. 74).

No terceiro ano, a matéria de Trabalhos Manuais se dedicava à execução de trabalhos úteis à vida corrente: fazer um pacote, encapar um livro ou caderno, pregar um botão, trançados, nós, laços, filê, cartonagem, modelagem e jardinagem. *Já o acréscimo para as meninas eram*

⁸ Termos que durante a 'era dos testes', foram utilizados na classificação dos alunos.

os pontos de costura, remendos, cerzir, cascar, pregar botões e colchetes, aplicação em peças de vestuário e de adorno para a casa, ponto cruzado e tricô. (D'Ávila, 1965, p. 75).

Para o quarto ano a indicação eram a execução de objetos úteis com vime, arame, junco etc., pequenos trabalhos em madeira mole, recorte de figuras geométricas (para a demonstração concreta da equivalência das áreas), modelagem, jardinagem e, onde forem possíveis, ensaios de sericicultura e apicultura. *Para as meninas havia o acréscimo de costura, pontos ornamentais, pontos de marca (letras e nomes), bordado e aplicações a pequenas peças.* (D'Ávila, 1965, p. 76).

Pinto conta que, além desses referenciais, ela utilizava outros materiais, pois costumava pesquisar na biblioteca outras referências, mas que grande parte do conhecimento utilizado em suas aulas é fruto de sua própria experiência como aluna:

[...] eu aprendi muita coisa na disciplina Trabalhos Manuais. Aí vocês perguntam se essas atividades depois foram utilizadas, né? Quando eu comecei eu levava esse material para as crianças verem, elas ficavam enlouquecidas, pediam para as freiras, [...] as mães, para eu ensinar isso para as crianças sabe. [...] Mas muitas coisas de dobradura, de montar sólidos, de desenhar [...] Elas queriam também aprender aquele sombreado [...] porque os meus desenhos tinham aquela sombra, em que o colorido vai esmaecendo. E eu tinha uns lápis, sabe aqueles lápis da Alemanha? que invés de apontar, desenrola tipo uma casquinha, tipo uma fitinha, [...] eu tinha alguns, levei, e as meninas ficavam loucas, eu pintava com aquilo e dava brilho sabe, no desenho e esse ficava um furta-cor brilhante. (Pinto, 2023).

E revela que, no curso Normal, quando aluna, não se relacionavam os Trabalhos Manuais com o ensino de Aritmética, porém ela usou esses conhecimentos nas aulas de Aritmética, já como professora, em Palotina, baseada na sua própria intuição:

Mas o que mais eu usei foi na aula de Aritmética, sabe? Na aula de aritmética, eu inventava coisas, com materiais e sabe, costumava fazer muita coisa com dobraduras, recortes de figuras geométricas, cartonagem com montagem de sólidos geométricos etc. E não tínhamos na época quase nada de materiais industrializados. O que tínhamos era feijão, grão de bico, era o que tinha em casa que eu levava lá, eu dava um jeito de montar figuras, representar quantidades. Uma vez eu fiz um painel na sala de aula, eu acho que foi com esses desenhos dos alunos, tudo até feito assim, e eu inventava exposição dentro da minha sala (Pinto, 2023).

2. O CADERNO DE TRABALHOS MANUAIS

Considerada uma produção autêntica dos alunos, os cadernos escolares são fontes valiosas para pesquisas em História da educação matemática podendo auxiliar no contato e na análise da “matemática ensinada” (Novaes; Bertini; Siqueira Filho, 2017). Esse acesso à tarefa escolar pode oferecer indícios ao pesquisador sobre os saberes resultantes desta interação. Valente (2016) afirma que os saberes da formação podem ser analisados, considerando-se a

matemática que o professor ensina. Neste sentido, os cadernos escolares dos alunos seriam uma possibilidade por se constituírem como uma forma de acesso à matemática ensinada, como se defendeu anteriormente.

Nesse sentido, como fonte de pesquisa também se utiliza o caderno elaborado por Neuza Bertoni que mostra a importância que era dada ao seu uso na matéria de Trabalhos Manuais ao guardá-lo até hoje e quando explica que

Eu tenho esse álbum, que está até desintegrando a capa, uma espécie de portfólio. A gente nem tinha material para confeccionar o álbum, mas eu comprei um papelão grosso, feltro, bordei, recortei folhas em cartolina para colar os trabalhos em miniatura (Pinto, 2023, p.12).

Cuidado este que se verifica na imagem da capa do caderno, a seguir, na Figura 1⁹.

Figura 1: Capa do caderno de Trabalhos Manuais



Fonte: Pinto (1956¹⁰)

Dessa forma, além do relato oral, considera-se o caderno, pois faz com que a aproximação seja maior com ex-normalista e da prática desenvolvida em sala de aula. Quanto ao caderno escolar, Viñao Frago (2008) considera que se tratar de

[...] um produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares” (Viñao Frago, 2008, p. 22).

E, dessa forma, pode auxiliar com esta escrita histórica.

⁹ A digitalização deste caderno faz parte do acervo pessoal da professora e se encontra no Repositório de Conteúdo Digital (RCD) do Ghemat Brasil. O repositório está sob responsabilidade do Prof. David Antônio da Costa, da Universidade Federal de Santa Catarina. O endereço do repositório é: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>. Acesso em 06 de dezembro de 2022.

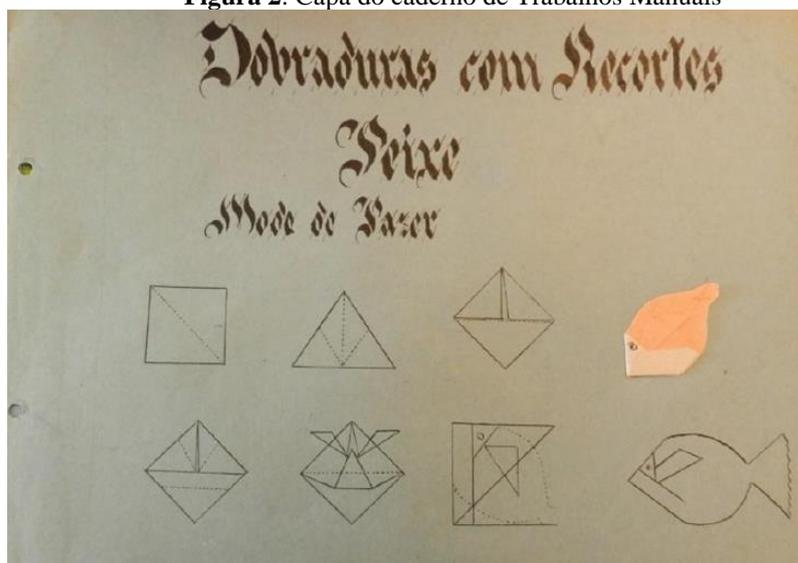
¹⁰ O caderno não tem data, mas, muito provavelmente, seja do ano de 1956, pois segundo a legislação vigente na época a disciplina de Trabalhos Manuais seria ministrada no último ano do curso normal.

O caderno apresenta 24 atividades e, entre elas, há dobradura, cartonagem, costura, tricô, crochê, bordado, tecelagem, vagonite e macramê que são algumas das atividades que eram realizadas pela professora Neuza, enquanto aluna, nas aulas de Trabalhos Manuais e que foram indicadas em seu relato. As aulas eram previamente organizadas com muito cuidado, como se pode perceber, quando relata sobre a professora responsável pelas aulas:

E ela explicava o assunto de um tema né, vamos supor que ia ser tecelagem, antes dessa aula nós já recebíamos no calendário, um cronograma da matéria, o dia que ia ser trabalhado esse tema, e o material que a gente teria que levar (Pinto, 2023, p.11).

Assim, quando chegava o momento da aula, a professora realizava uma breve explicação teórica e, em muitas atividades, era necessária a realização de desenho, como se pode verificar na atividade de dobradura com recorte, conforme Figura 2.

Figura 2: Capa do caderno de Trabalhos Manuais



Fonte: Pinto (1956)

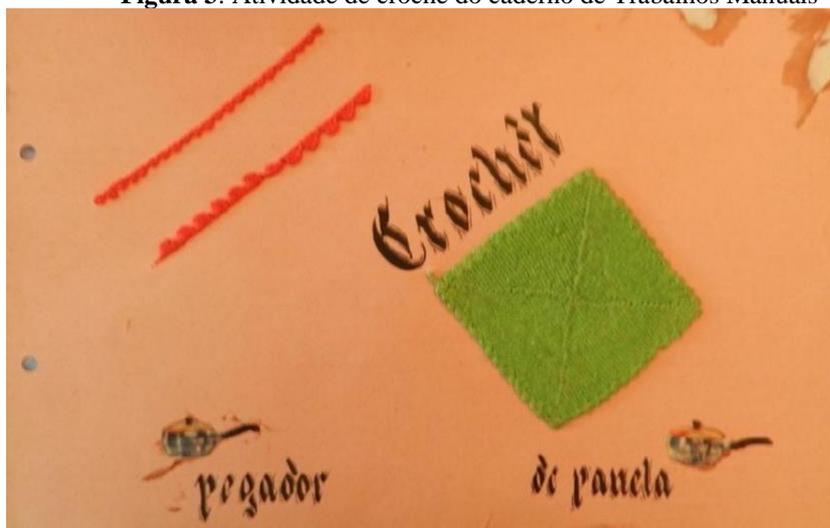
Para a realização da atividade de dobradura, vários elementos e propriedades geométricas, como quadrado, triângulo, vértices, ângulos, diagonal, bissetriz, entre outros podem ter sido utilizados pela normalista. Ao questionar a professora Neuza sobre como eram desenvolvidas as atividades nas aulas de Trabalhos Manuais, ela explica que utilizavam muito conhecimentos matemáticos quando realizavam, por exemplo os desenhos e medições, mas que não era realizada uma análise matemática de forma intencional. “Essa intuição da Matemática, a gente já trazia porque no pré-normal, as aulas de matemática eram extremamente fundamentais” (Pinto, 2023, p.18). O que parece ocorrer é que as futuras professoras utilizavam

saberes matemáticos, mas que não havia uma reflexão sobre esta prática, ou seja, sobre a relação que havia entre as matérias de Matemática e Trabalhos Manuais.

D'Enfert (2007) mostra que atividade como a verificada no caderno começa a ser desenvolvida nas aulas de Trabalhos Manuais na segunda metade da década de 1880, na França, na qual a noção de Trabalho Manual “elementar” passa a ser baseada em atividades de tecelagem, dobramento, corte e cartonagem, inspiradas nos programas do Jardim de Infância, que eram baseados na proposta de Froebel. Dessa forma, o ensino manual era desenvolvido com o objetivo de contribuir não somente com a educação física, mas também apoiar a educação intelectual, ao trazer conhecimentos científicos, como o de Desenho, de Geometria e de Cálculo e o uso do concreto que, muitas vezes, faltava no ensino primário (D'enfert, 2007).

Além da cartonagem e dobradura, nas quais a matemática se apresenta de forma mais explícita, a professora Neuza relata a realização de várias atividades relacionadas aos afazeres do lar como costura, crochê, bordado, entre outras, como se percebe na Figura 3, a seguir.

Figura 3: Atividade de crochê do caderno de Trabalhos Manuais



Fonte: Pinto (1956)

Este tipo de atividade era indicado para o sexo feminino nos primeiros programas republicanos paulistas, na matéria de Trabalhos Manuais para o ensino primário, e a indicação parecia ter uma finalidade em comum: a de auxiliar as meninas com relação às atividades domésticas (Frizzarini, 2018). Essas atividades e finalidade também se mostram presentes na matéria de Trabalhos Manuais realizada pela professora Neuza, durante o Curso Normal, com o objetivo de que as futuras professoras estivessem preparadas para lecionar no ensino primário e, ao mesmo tempo, se preparassem para os afazeres do lar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa possibilitou o registro de memórias e relatos de experiências de uma estudante normalista, na década de 1950, fato que auxiliou na constituição de mais uma fonte histórica na Educação Matemática e, mais especificamente, no que se refere à análise de aspectos das aulas da matéria de Trabalhos Manuais do Curso Normal.

Por meio da análise do caderno foi possível identificar atividades como, por exemplo, costura, crochê e bordado que tinham como objetivo preparar as normalistas para os afazeres do lar. No entanto, atividades como cartonagem e dobradura também faziam parte da rotina da matéria, situações que podiam contribuir com que conhecimentos de Geometria, Desenho e de Cálculo fizessem parte do desenvolvimento da matéria de Trabalhos Manuais.

Assim, a imersão nos relatos orais e arquivos pessoais de Neuza Bertoni Pinto permitiu que se analisassem fragmentos de itinerários, de quando esteve como estudante na Escola Normal, e que fosse elaborada uma determinada escrita histórica, acerca da disciplina Trabalhos Manuais. No entanto, vale lembrar que, inseridas em local de salvaguarda – o Repositório de Conteúdo Digital do Ghemat Brasil – as fontes aqui utilizadas procuram por outros olhares, ou seja, que possam ser utilizadas como fontes de pesquisa em outras escritas elaboradas.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2013). *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV.
- Berticelli, D. D.; Novaes, B. W. D. (2018). TRAJETÓRIA DE INICIAÇÃO PROFISSIONAL DE UMA FORMADORA DE FORMADORES: primeiros estudos. In: *XVI Seminário Temático Provas e Exames e a escrita da história da educação matemática*. Boa Vista, Roraima. Disponível em: https://xviseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2018/07/BERTICELLI_NOVAES_T_3_FINAL.pdf
- Camara, A. (2019). *Saberes geométricos na educação primária paranaense: elementos das culturas escolares e da formação do cidadão republicano (1889-1946)*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- Certeau, M. de. (2011). *A Escrita da História*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Chervel, A. (1990). *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação; v.2, p. 177-229.
- Choppin, A. (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*; v.30, n.3, p. 549-566. USP, São Paulo. D'ÁVILA, A.(1965). *Práticas Escolares*. São Paulo: Saraiva.

- Frizzarini, C. R. B. (2018). *Saberes matemáticos na matéria Trabalhos Manuais: processos de escolarização do fazer, São Paulo e Rio de Janeiro (1890-1960)* / Claudia Regina Boen Frizzarini. – Guarulhos.
- D'enfert, R. (2007). L'introduction du travail manuel dans les écoles primaires de garçons, 1880-1900., *Histoire de l'éducation [En ligne]*, 113, p. 31-67.
- Garnica, A. V. M. (2010). Regi star oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, v. 32, p. 20-35.
- Garnica, A. V. M. (2016). História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. *História Oral*, 18(2), 35–53.
- Giusti, B. L. R. Valente, W. R. (2020). O saber profissional do professor que ensina matemática: análise de um caderno de normalista de 1950. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 58, n. 55, p. 1-25, e-18921.
- Maciel, V. B. (2016). Manuais pedagógicos: considerações sobre suas potencialidades na pesquisa dos saberes para ensinar aritmética nos primeiros anos escolares. *ANAIS do XIV Seminário Temáticos. Saberes Elementares Matemáticos do Ensino primário (1890-1970)*. ISSN: 2357-9889. Universidade Federal Rio Grande do Norte. Natal – Rio Grande do Norte. Disponível em: https://xivseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2016/05/MACIEL_T2_vf.pdf. Acesso em 06 de junho de 2023.
- Mendes, I; Valente, W. R. (2017). *Matemática dos manuais escolares: curso primário, 1890-1970*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Novaes, B. W. D.; BERTINI, L. F.; & Siqueira Filho, M. G. (2017). Cadernos de alunos com registros de aulas de matemática: textos e contextos. In: Rios, D. F. et al. (Orgs.), *Cadernos escolares e a escrita da história da educação matemática*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Pinto, N. B. (1956). *Caderno da Matéria de Trabalhos Manuais*. Disponível em: Acessado em 25 de março de 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/175787>. Acesso em: 26/03/2023.
- Pinto, N. B. (2022). Memórias da trajetória profissional de uma professora/pesquisadora, 1957 - 2004. In: MENDES, I., CHAQUIAM, M.; ROCHA, M. L. *Itinerários intelectuais entre o ser e o estar*. 1. ed. São Paulo, SP: Livraria da Física, 287-316.
- Pinto, N. B. (2018). Entrevista concedida a Danielene Donin Berticelli e Barbara Winiarski Diesel.
- Pinto, N. B. (2023). *Entrevista concedida a Alexandra Camara, Barbara Winiarski Diesel Novaes e Danilene Donin Berticelli*, em 08 de março de 2023.
- São Paulo. (1950). *Decreto n. 19.525-A, de 27 de junho de 1950*. Institui o Regimento Interno das Escolas Normais Oficiais do Estado. São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1950/decreto-19525A-27.06.1950.html>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- São Paulo. (1951). *Lei n. 1.435, de 24 de dezembro de 1951*. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/157372>. Acessado em 10 de março de 2023.

- Santos, T. M. (1952). *Metodologia do ensino primário* – 3ª ed., v. 10. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Silva, V. B. (2007). Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). *Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, p. 268-277.
- Valente, W. R. (2016). Relações entre a formação e à docência em Matemática: Perspectivas de análise com o uso de cadernos escolares. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, ano 11, n. 23, p. 6-19. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/261>. Acesso em: 06 de junho de 2023.
- Valente, W. R. (2022). Acervos pessoais de professores de matemática e produção de saberes. In: MENDES, I., CHAQUIAM, M.; ROCHA, M. L. *Itinerários intelectuais entre o ser e o estar*. 1. ed. São Paulo, SP: Livraria da Física.
- XIII CIIP. (1950). *L'enseignement des travaux manuels dans les écoles secondaires*. Genève, Paris, BIE, UNESCO.